

A AUSÊNCIA DO OLHAR PARA A CULTURA BRASILEIRA E A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Clarissa Josgrilberg Pereira*
Melissa Sanada**
Rute de Sousa Josgrilberg***

RESUMO: *O trabalho apresentado tem como proposta a discussão sobre a necessidade de olhar para a literatura de cordel enquanto (re)conhecimento da cultura brasileira e riqueza literária nacional. Para isso, por meio de um estudo bibliográfico exploratório e não sistematizado discutimos a história da origem do cordel no Brasil; os caminhos abertos pelo cordel para a origem de novas culturas e como ele pode/deve ser trabalhado na sala de aula. Para fundamentar teoricamente a pesquisa, contou-se com autores como Abreu (2006), Galvão (2001), Carvalho (2018), entre outros. Por meio da discussão, compreende-se a importância do incentivo do estudo do cordel tendo por base a própria motivação dos alunos, seja por razões como a identificação de nacionalidade seja pela sonoridade das rimas. Indaga-se, portanto, a falta de incentivo de uma disciplina que abarque não apenas uma parte da cultura histórica linguística de um povo, mas de questões como originalidade, criatividade e sociabilidade, que podem ser atribuídas por meio do ensino do cordel.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cordel, Educação, Ensino Fundamental*

ABSTRACT: *The presented work aims to discuss the need to consider cordel literature as a (re)acknowledgment of Brazilian culture and national literary richness. Through an exploratory and non-systematized bibliographic study, we delve into the history of the origin of cordel in Brazil, the paths opened by cordel for the emergence of new cultures, and how it can/should be approached in the classroom. The theoretical foundation of the research relies on authors such as Abreu (2006), Galvão (2001), Carvalho (2018), among others. Through the discussion, we understand the importance of encouraging the study of cordel based on students' own motivation, whether due to reasons like national identity or the musicality of rhymes. Therefore, there is an inquiry into the lack of incentive for a discipline that encompasses not only a part of the historical linguistic culture of a people but also issues such as originality, creativity, and sociability, which can be attributed through the teaching of cordel.*

KEY-WORDS: *Cordel, Education, Elementary school*

INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre Literatura de Cordel estamos falando de um dos Patrimônios Culturais Imateriais Brasileiro (Iphan, 2018), que tem suas raízes na região norte e nordeste do país. Todavia, essas duas regiões são focos de desconhecimento e de preconceito de boa parte dos brasileiros que residem em outras regiões do país. Segundo dados, do Safernet¹ “a xenofobia contra nordestinos durante as eleições de 2022 levou a

¹ É uma Organização Não Governamental (ONG) que defende os direitos humanos na Web.

uma explosão de denúncias desse crime na internet no ano passado. Foram 10.686, uma alta de 874% em comparação com 2021” (G1, 2021).

A percepção preconceituosa contra nordestinos também foi diagnosticada na pesquisa realizada em 2015 por Vera Magalhães. Em seu estudo, a autora relata que, por meio das entrevistas coletadas, “o preconceito contra o nordestino foi retratado de diversas formas, principalmente pela tendência à homogeneização de todos eles em uma só categoria estereotipada, construída sobre a noção de sua inferioridade frente aos paulistanos: inferioridade racial, cultural, de cosmopolitismo, de classe [...]” (Magalhães, 2015, p.104)

Posto isto, entende-se que só por meio da educação, do conhecimento e da valorização cultural os dados acima citados podem ser mudados. Neste contexto, a literatura de cordel é uma importante ferramenta para auxiliar na proximidade cultural entre as diversas regiões do país. Cordel, segundo o dicionário (Priberam, online) é o “conjunto de folhetos literários populares, que os livreiros originalmente dependuravam em cordéis; literatura de cordel”. Assim, o nome deste fenômeno literário deriva justamente da forma como era exposto, corda fina (cordel).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) traz o cordel na habilidade EF12LP05:

Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhos, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto (Brasil, 2018).

Embora presente na BNCC, cabe a reflexão do quanto estão preparados os professores para lecionar, com maestria sobre uma cultura que está enraizada em locais distintos como o norte e nordeste do país.

Assim, a partir de um estudo bibliográfico exploratório e não sistematizado busca-se compreender as características e formas de se trabalhar com o cordel em sala de aula, mais especificamente no ensino fundamental. Entre os principais autores citados estão Abreu (2006), Galvão (2001), Carvalho (2018), e a menção de autores como Leandro Gomes de Barros, Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto.

O trabalho está estruturado em três aspectos centrais. Primeiro, discute-se a origem do cordel, vinda da Europa, e como foi modificada para atender a todas as camadas da sociedade, tornando-se objeto de um bem comum, ao qual todos poderiam ter acesso e compreensão. A expressão e força de um povo que, mesmo diante de seu sofrimento, declama versos em termos coloquiais, justificando a falta de instrução, mas sem receio de

se calar por conta disso. Na sequência, abordam-se as vertentes do cordel para, então, discutir as potencialidades de uso do cordel em sala de aula.

A partir da pesquisa realizada foi possível identificar alguns aspectos como a potencialidade do tema, por ser transversal às várias disciplinas como artes, história, língua portuguesa e música. A compreensão da literatura de cordel também nos traz o entendimento de todo o processo histórico sobre a transformação de uma cultura vinda da Europa e que foi totalmente reajustada para atender até mesmo um povo que não sabia ler.

Além disso, o presente estudo demonstra que o ensino de cordel nas escolas envolve o poder criativo e de raciocínio rápido, de aprofundamento de cultura nacional e de raízes que dilaceram qualquer preconceito sobre algumas regiões do Brasil, de introdução ao Movimento Armorial em sua essência brasileiríssima, com ritmos vindos de instrumentos nacionais. No campo das artes, o exercício da xilogravura como identificação de texto dentro do campo da semiótica, levando o aluno a imaginar um vasto mundo, criando histórias a partir dele e que trariam grandes benefícios ao seu desenvolvimento.

1. UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DO CORDEL

Pensar em literatura de cordel nos traz tanta brasilidade que é quase impossível relacionar sua origem a Portugal. Trazida durante o processo de colonização pelos portugueses, a literatura de cordel já era famosa nos países da Europa, mas com distinções da que encontramos hoje no Brasil. Lá, os folhetos pendurados em cordas traziam histórias de reis e rainhas que só eram encontradas em livros para a alta sociedade, mas que acabou caindo no gosto popular pelo seu modo simples de compreensão.

A origem do cordel surgiu na época do Trovadorismo, entre os séculos XI e XIV, como um movimento literário que unia música e poesia. Os poetas produziam e cantavam cantigas líricas -, que falavam de sentimentos e emoções-, e satíricas, que tratavam de criticar ou ridicularizar a sociedade. Com os avanços tecnológicos e com a chegada da Renascença, passou-se a produzir o cordel em papel, sendo vendido nas ruas pendurados em cordas – assim nascia o nome cordel. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, trouxeram esse costume que logo se popularizou na região nordeste, especialmente em Pernambuco.

Veio-nos com o romancelheiro peninsular, e possivelmente começam essas A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens. (Diégues Júnior, 1973, p. 5).

Embora inicialmente o cordel vivesse de histórias e romances, com o tempo, ele foi se transformando, servindo como um instrumento de manifestos contra a pobreza, falta de água, trabalho e injustiça social. Entre os locais com grande divulgação, podemos citar Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará. Seguindo um vasto universo de conteúdos diferentes, sobre histórias do cotidiano, lendas ou episódios históricos, os poemas de Cordel contavam com uma linguagem coloquial, usando o humor, ironia e sarcasmo. Todo esse movimento lutava contra o analfabetismo, já que eram lidos em lugares públicos e tratavam de assuntos referentes a críticas sociais que continham a opinião do autor. Segundo Abreu (2006, p.95) “a venda de folhetos geralmente se fazia a partir da leitura oral de trechos dos poemas, a fim de despertar o interesse e atrair a curiosidade do público para a continuação da história”.

Em 1893, a literatura passa a ser impressa com o primeiro poema de Leandro Gomes de Barros – cuja data de nascimento se tornou o dia nacional do Cordel, 19 de novembro – tornando-se também um produto como fonte de renda para muitos poetas. Além de escrever os poemas, Leandro imprimia, vendia e contratava agentes para ajudá-lo com a distribuição para as vendas. Sua genialidade era tanta que é considerado o maior poeta de cordel, tendo escrito 240 obras e ganhado o reconhecimento como “primeiro sem segundo”. A ele, Carlos Drummond de Andrade dedicou uma homenagem no Jornal do Brasil de 1976, em ocasião da eleição de título como príncipe dos poetas:

Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram por maioria relativa Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor de Ouvir Estrelas. E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto de cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão. E conclui a propósito de Leandro: Não foi príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro (Andrade apud Grillo, 2013, p.9).

Além de Leandro Gomes de Barros, grandes nomes começaram a surgir. Entre eles, destacamos Apolônio Alves dos Santos, falecido em 1998 e que nos deixou uma obra com mais de 120 folhetos publicados; Cego Aderaldo, cego aos 18 anos, se tornou um dos mais famosos, com poemas muito conhecidos pelo Brasil; Francisco Sales Arêda, que ganhou uma adaptação para o teatro por Ariano Suassuna com o romance “O homem da vaca e o poder da fortuna”; Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira

de Literatura de Cordel; João Martins de Athayde, poeta que comprou a editora de Leandro Gomes de Barros após seu falecimento, dando continuidade ao seu trabalho; Manoel Camilo dos Santos, fundador da Academia Brasileira de Cordel; Patativa do Assaré, que começou sua carreira como repentista aos dezesseis anos; Raimundo Santa Helena, saiu de casa disposto a vingar a morte de seu pai por Lampião, mas que acabou nas graças de uma professora que o educou, conseguindo ingressar na escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará, participando de duas guerras e condecorado duas vezes pelo presidente da República (ABLC, online).

Com o fluxo migratório do nordeste devido às secas, o Cordel ganhou espaço em outras regiões. Dentre elas, Rio de Janeiro e São Paulo, que foram as cidades mais procuradas por aqueles que buscavam oportunidades de trabalho e sustento devido à grande demanda de empregos devido ao aumento da industrialização. Nos anos 80 e 90, inicia-se um novo fluxo migratório para o Distrito Federal e Amazonas, seguidos por uma melhora econômica relevante à época.

Embora a Literatura de Cordel tenha proliferado para outras regiões, a aceitação de seu valor cultural demorou a chegar. Foi apenas em 2018 que ele se tornou patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN, sendo eleito com grande unanimidade pelo colegiado. “O desenvolvimento dessa forma de expressão perpassa pela transmissão de conhecimentos elementares para a formação da nossa sociedade e, por isso, a Literatura de Cordel recebe o título de Patrimônio Cultural do Brasil” (IPHAN, 2018).

1.2. O DINAMISMO DO CORDEL E SUAS VERTENTES

Talvez o modo como o Cordel é escrito nos traga a compreensão de sua importância. Além de sua gama de temas, a Literatura de Cordel pode ser escrita em prosa (mesmo que rara), quadras, ABCB, sextilhas e décimas. Esse processo resume como se dá a fórmula de brincar com as palavras, encaixando-as para que elas rimem, proporcionem o aumento de vocabulário, assim como despertem o sentido criativo de quem escreve e encanta quem lê. Embora todo esse processo pareça complexo, não é visto dessa maneira pelos autores. Segundo o poeta Olegário Fernandes (apud Galvão, 2001, p. 34), “a rima, a rima a gente sabe mais ou menos como é, não? A gente bota, se é de sextilha, então a primeira linha é versículo, a segunda é a rima, terceira é versículo e sexta é rima”. A simplicidade da explicação oferecida pelo autor nos esclarece sobre o seu perfil. O pensamento se torna rápido ao sugerir tais palavras que se encaixem perfeitamente, trazendo não só sonoridade, mas coerência necessária para muitos leitores que mal sabiam ler.

Servindo as camadas sociais economicamente mais desfavorecidas e feitas por elas, o cordel continha erros gramaticais devido à falta de instrução de quem produzia e lia, ou seja, mesmo com rimas e regras, todos poderiam construir seus textos sem a obrigação da norma culta da língua portuguesa. Uma observação importante sobre o Cordel é de que

ele era um eficiente propagador de notícia, tanto que as xilogravuras foram logo impressas para servir àqueles que não conseguiam ler. “O Cordel apresenta temas interessantes, como as gravuras que são chamadas de xilogravuras e os assuntos são de importância cultural” (Ferreira et al, 2019, p.2). Produzidas por meio da impressão com madeira talhada, de modo muito rústico, a xilogravura se tornou uma arte, podendo ser encontrada hoje em objetos decorativos, azulejos e quadros, sendo representada por renomados artistas.

A partir do cordel, encontramos também as releituras de grandes obras da literatura, como a dos autores João Gomes de Sá (2010) e Josué Limeira (2022), respectivamente, de “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carroll, e “Revolução dos bichos”, de George Orwell. Ambas as obras conservaram o enredo, mas trocaram algumas passagens para o tom brasileiro do Nordeste. Um exemplo é o poço, no qual cai Alice e que, na versão em cordel, se torna cacimba, assim como o bolo degustado por ela é retratado como rapadura na nova versão. Conhecer uma obra e transformá-la em uma nova, mas com um gênero literário diferente, aprimora a imaginação e abre caminhos para a pesquisa. Da obra de George Orwell, o trecho do porco incentivando a rebelião e descrevendo como são os homens, foi escrito em cordel desta maneira:

– O homem é a criatura
Que gasta sem produzir.
Não dá leite, nem põe ovos,
Nem puxa arado aqui.
Mas é o senhor dos bichos
E com todo esse capricho
É difícil de engolir.

– As vacas que aqui vejo
Deram leite em produção.
O homem bebeu, vendeu,
Fez doce no caldeirão.
E os bezerros, coitados?
Todos eles desmamados,
Com cara de aflição.
(Limeira, 2022)

Em mais uma vertente, o cordel foi o fator responsável de inspiração para a origem do Movimento Armorial, idealizado pelo escritor Ariano Suassuna (1927-2014), que reúne diversos manifestos de arte, literatura, dança e música para divulgar a cultura nordestina e fazer dela uma cultura erudita. O movimento foi antecedido com a obra “O Auto da Compadecida”, escrito pelo próprio Suassuna e que se tornou um sucesso, primeiramente como minissérie e, logo em seguida, como filme. A intenção de exaltar o cordel foi colocar em sua obra três folhetos, embora o Movimento Armorial tenha nascido após

quinze anos a partir da publicação. Nas próprias palavras do autor, ele descreve como surgiu o movimento:

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus "cantares", e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados (apud Carvalho, 2018, p. 3).

Do Quinteto Armorial, grupo que utilizava instrumentos populares do Nordeste como o pífano, rabeca e marimbau, o movimento ganhou amplitude ao vir para São Paulo com um de seus integrantes, Antônio Nóbrega. Ele fundou o Instituto Brincante, um espaço com aulas de dança, poesia e música que reverenciam a cultura nacional, buscando o entendimento da diversidade e novos pensares. No Rio de Janeiro, o grupo Gesta tem como objetivo a divulgação da música tradicional brasileira, por meio do uso de instrumentos produzidos por artesãos populares como a rabeca, viola de gamba, berimbau de lata entre outros.

1.3. O CORDEL NA SALA DE AULA

Compreender os mecanismos que nos levam à escolha do aprendizado da literatura de cordel nas escolas é necessário para que possamos incentivar o construir de novos meios e releituras, em encontro do aluno e suas capacidades. Assim, neste item, discutimos algumas ações realizadas e possíveis de serem feitas em sala de aula para que o professor explore a riqueza do cordel.

O uso pedagógico do cordel consta nas falas dos entrevistados por Ana Maria de Oliveira Galvão em seu livro “Cordel: leitores e ouvintes” (Autêntica, 2001), que relataram como suas proximidades com os folhetos de cordel se tornaram um objeto importante para a aprendizagem da leitura, de maneira autodidata com o exercício de memorização das letras, ao que cabia pelo interesse primário do lazer e curiosidade.

Os depoimentos parecem indicar, assim, que a alfabetização por meio do cordel dava-se de maneira autodidata: através da memorização dos poemas, lidos ou recitados por outras pessoas, o “alfabetizando”, em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, procedia, ele mesmo, à aprendizagem inicial da escrita. Aos poucos, esse processo se ia estendendo a outros objetos de leitura. (Galvão. 2001, p. 186)

A descrição acima demonstra o potencial que a literatura de cordel tem; se de forma autônoma e autodidata ela já auxilia no processo educativo, imagine de forma organizada, sistemática e planejada pedagogicamente. Um caso de sucesso com o uso do Cordel em sala de aula foi o trabalho realizado pela professora Francisca das Chagas Menezes Sousa

na Escola João Pinto Magalhães localizada em Cágado, distrito rural de São Gonçalo que conquistou o Prêmio Victor Civita Educador Nota 10 em 2006. A docente realizou uma sequência de atividades: contato com cordel, pesquisa em biblioteca e em computadores, entrevistas, produções de cordel, feira e exposição. Os alunos se organizaram, escreveram novos folhetos e até fizeram uma investigação sobre um acidente na cidade, editando-o em Cordel e comovendo toda a população local. Fora da escola, promoveram uma noite de cantorias e leituras para os moradores da cidade, com uma feira de comidas típicas da região. Para Heloisa Cerri Ramos, a consultora responsável pela seleção do trabalho ao prêmio,

Ela [a professora] percebeu que os alunos traziam para seus escritos a influência da linguagem oral, emprestada das cantorias, histórias e falares dos pais e avós", conta. Por meio do cordel, tão próximo ao universo local, os estudantes se abriram para o prazer da leitura e, dessa forma, se aproximaram da linguagem escrita. Chaguinha pode fazer a turma ir além, segundo Heloisa, usando a mesma metodologia aplicada no projeto, baseada no conhecimento da classe, em modelos, na prática e em comparações. "Assim, é possível explorar outros gêneros, como conto, fábula, lenda, romance e suspense", explica a consultora. O fato de os estudantes não terem proximidade com esses tipos de leitura não atrapalha a atividade. Cabe ao professor desenvolver a familiaridade. O tema ou o local da história podem atrair a moçada (apud Garcia, 2007, p.22).

Outra ação didática que envolve o cordel foi realizada em 2019 no Instituto Federal do Maranhão do Campus Caxias, o qual lançou a proposta de aprendizagem do cordel por meio de um concurso, em que os alunos deveriam compor poemas em cordel usando a parte teórica da disciplina de Química. Para que os alunos pudessem desenvolver seus trabalhos, eles tiveram aulas sobre a métrica e rima dos cordéis, uma vez que os alunos não tinham muito conhecimento a respeito. Como resultado da ação, os alunos relataram que a atividade fez com que o gosto pela leitura aumentasse, além de ter facilitado a memorização da matéria (IFM, 2019). Os trabalhos foram premiados com a publicação em um livro. Segue um trecho do primeiro lugar da premiação:

Meu irmão preste atenção
uma coisa vou contar
o que nós chama de quentura
calor é o certo chamar
Do corpo quente para o frio
ele costuma passar

A matéria está sempre
em grande transformação
liberando e absorvendo
energia em questão
E a termoquímica estuda

o processo em discussão.

Em reações químicas
se absorve e libera calor
Esses processos são exo e endotérmico
E vou mostrar para o senhor
Como cada um funciona
E também o seu valor.
(IFM, 2019)

Outra ação que visa a estimular o uso do cordel em sala de aula é o Projeto Cordel na Escola que produz Kits e oferece formações aos docentes. O projeto conta com um site e é administrado por dois professores cordelistas da Paraíba, nos materiais online disponibilizados há exemplos, instruções e também conta com a possibilidade de comprar cursos e kits específicos. O professor Diniz ressalta a importância do cordel na sala de aula:

Levar a literatura de cordel até a escola significa oferecer um importante e motivante meio de educação aos alunos dos ensinos fundamental e médio. Através da poesia popular o aluno poderá conhecer aspectos da história do nordestino, pois o cordel retrata a cultura, o cotidiano, a realidade do povo e suas peculiaridades. Mas pode versar sobre qualquer assunto e ser utilizado como recurso pedagógico para debater temas relacionados à educação escolar como cidadania, solidariedade, preconceito, discriminação racial, consciência ambiental, espiritualidade, ética, educação sexual, combate às drogas, violência, condição social da população, amor ao próximo (Diniz, [s/d]).

As três ações destacadas aqui neste estudo mostram que levar a literatura de cordel para a sala de aula é um exercício amplo que figura componentes sociais e intelectuais e que pode ser aprendido até por meio de atividades lúdicas. Criar um jogo cujo objetivo é encontrar palavras que rimam pode ajudar o aluno ao redigir a poesia, além de trazer a observação sobre o modo de pensar de cada um ao comparar os textos prontos.

Há também a possibilidade de dispor objetos e brinquedos e fazer deles instrumentos de imaginação para compor as poesias. São diversos os meios de ensino do cordel que aguçam o sentido criativo e que podem despertar o interesse do aluno para a participação na aula de maneira ativa, colaborando também para a avaliação do professor sobre o comportamento individual e conjunto de cada aluno.

Contudo, ressalta-se que as três ações destacadas nesta pesquisa são ações pontuais, pouco disseminadas e estão concentradas na região nordeste do país; assim, mesmo com a valorização do cordel como patrimônio cultural nacional, questiona-se o quanto dessa arte é incentivada durante o ensino fundamental e em todo território nacional. “Na verdade, essa Literatura bastante desconhecida aqui mesmo na região nordestina, onde

dela se extrai um grande número de cordelistas, percebe-se que as escolas não trabalham esse tipo de literatura, que é bastante excluída nas salas de aula, bem como nos livros didáticos” (Pontes apud Damasceno de Melo, 2017, p.465).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível exaltar os benefícios que o aprendizado da literatura de cordel pode trazer ao aluno, contudo desde 2018, quando o cordel se tornou Patrimônio Cultural do Brasil, espera-se que o ensino nas escolas seja aprimorado. Como nos traz Galvão (2001), é necessário considerar a importância do cordel como meio educacional, que permite ao escritor a manifestação sem limites de criação, levando-o a uma escrita livre da forma culta para que possa continuar contribuindo como obra original e de cultura própria.

Além do dinamismo de palavras as quais associadas formam as rimas e a oralidade ao recitar o poema, o vocabulário e a criatividade da escolha de temas para o seu desenvolvimento são ricos recursos que podem ser sentidos em diversas áreas além da língua portuguesa como as artes, história e música. Assim, o cordel tem uma grande potencialidade de ser trabalhado de forma transversal às disciplinas auxiliando na promoção da interdisciplinaridade, que vem sendo estimulada pelo Ministério da Educação (Brasil, 2018) devido aos benefícios que traz a aprendizagem,

Por outro lado, identifica-se que a literatura de cordel não é amplamente divulgada, ao contrário, como nos traz Pontes (Apud Damasceno de Melo, 2017), muitas vezes é desconhecida na própria região Norte e Nordeste onde tem suas raízes estruturadas. Assim, sabendo-se de todos os benefícios, é difícil compreender como uma cultura nacional tão rica como a literatura de cordel não ganha uma imersão profunda sobre todo o seu conhecimento dentro da sala de aula.

Compreendemos que o ensino só é válido quando o aluno o aceita. E para despertar o aluno a esse conhecimento, trazer para a sala aulas que penetrem em leituras que misturam fantasia, humor, sarcasmo, suspense e uma gama de temas com uma sonoridade cantada pelas rimas proporciona o incentivo do aprendizado em Língua Portuguesa e em outras disciplinas. Diante do trabalho composto, não se esclarece qual é o tipo de leitor do cordel, uma vez que foi escrito primeiramente para a classe média da sociedade e que, conforme foi ganhando notoriedade, acabou se tornando um sucesso entre a camada mais pobre. Mas fica claro que se trata de uma literatura que promove encantamento e diversos benefícios, dentre eles, a plasticidade do cérebro para memorizar palavras que rimam, assim como elaborar a estrutura que as mantém. Ou ainda, atrair novos olhares para uma tradição e herança de um povo que, no mais simplório modo, conseguiu difundir-se e migrar para diversos movimentos artísticos.

No artigo, procurou-se oferecer a compreensão da necessidade da elaboração de um espaço amplo e específico sobre a literatura de cordel no ensino fundamental, uma vez que seu campo criativo poderia abrir portas e originar novas leituras, raciocínio rápido, envolvimento social e valorização da cultura nacional. Todo esse engajamento é capaz de mudar consideravelmente o modo de pensar do estudante dentro da sala de aula para o ser cidadão, levando-o a uma reflexão profunda sobre seu papel na sociedade.

E dentre todos os importantes pontos exaltados no artigo, o menos dito, mas o mais relevante: o exercício da leitura. Ler em sua forma ímpar de tradução do autor em seus sentimentos, sejam angústias ou amores, servindo de intérprete para a sociedade, estreitando o caminho entre o letramento e o analfabetismo para que todos tenham o direito à expressão e compreensão do mundo à sua volta.

REFERÊNCIAS

ABLC, Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **O sertanejo é, antes de tudo, um forte**. Disponível em: <https://ablc9.wordpress.com/sobre-nos/>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

ABREU, Marcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 15 de Outubro de 2021.

CARVALHO, Tamires de Souza. **Pedra do reino: a armorialidade na tradução do romance para as telas**. In: Interdisciplinar de Estudos Literários, 15., 21 a 23 nov. 2018, Fortaleza (CE). Anais Fortaleza (CE): UFC, 2018. p. 457- 468. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39995>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

DAMASCENO DE MELO, Joaline. Memórias de experiências no estágio supervisionado: indisciplina em sala de aula e o uso de gêneros textuais. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras**, n. 2, suplementar, p.459-470, set. de 2017. Disponível em <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/download/325/pdf>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Características dos ciclos temáticos. Literatura popular em verso: estudos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 24-329.

DINIZ, Francisco Ferreira Filho. **Literatura de Cordel: Projeto Cordel na Escola.** Disponível em: < <https://www.projetocordel.com.br/projetocordelnaescola.php>> Acesso em: 15 de Novembro de 2021.

FERREIRA, Vanessa; BARBALHO, Daniela Ribeiro; BENICIO, Alba Morgana dos Santos; JÚNIOR, José Walter da Silva, BENÍCIO, Débora Regina. **Gênero textual cordel e suas contribuições no ensino Fundamental primeira fase.** VII Encontro de Iniciação a Docência da UEPB. Paraíba: 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2019/TRABALHO_EV134_MD4_SA27_ID550_23102019213018.pdf. Acesso em 14 de jan. de 2024.

G1, Portal. **Xenofobia contra nordestinos na época da eleição fez número de denúncias disparar na internet, mostra pesquisa.** Brasil, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contr-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml> Acesso em 14 de jan. de 2024.

GARCIA, Marilene Lemos. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produção didático-pedagógica.** v. II. Paraná: Governo do Estado, 2007. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_utfpr_port_md_marilene_lemos_garcia.pdf. Acesso em 14 de jan. de 2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel leitores e ouvintes.** Coleção Historial Editora autêntica. Minas Gerais, 2001. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/9188/8177/16487>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Os folhetos nordestinos: literatura e história.** XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: 2013. Disponível em https://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364409434_ARQUIVO_Textocompleto_paraenviar.pdf Acesso em 14 de jan. de 2024.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Literatura de Cordel.** Brasil: 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1943>. Acesso em: 22 de Outubro de 2021.

IFM, Instituto Federal do Maranhão. **Estudantes aprendem sobre Química através de cordel.** Maranhão: 2021. Disponível em <https://caxias.ifma.edu.br/2019/07/25/estudantes-aprendem-sobre-quimica-atraves-de-cordel/> Acesso em 14 de jan. de 2024.



LIMEIRA, José. **A revolução dos bichos em cordel**. Belo Horizonte: Yellowfante, 2022.

MAGALHÃES, Vera. **Nordestinos na Zona Leste de São Paulo**: subjetividade e redes de migrantes TRAVESSIA - Revista do Migrante - Nº 76 - Janeiro - Junho / 2015 Disponível em <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/90/83>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

MELO, Rosilene Alves de (2019). **Do rapa ao registro**: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (72), 245-261. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i72p245-261>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

PRIBERAM, Dicionário da língua portuguesa. "**Cordel**". In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cordel>. Acesso em 14 de jan de 2024.

SÁ, João Gomes de. **Alice no país das maravilhas em cordel**. Editora Nova Alexandria. São Paulo, 2010.

* Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e docente efetiva na Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: clarissap@furb.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3119-2020>

** Graduada em Letras pelo Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. E-mail: melsanada@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1947-1431>

*** Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e docente do Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN. E-mail: rutesj@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6481-2829>